

# OS HAICAIS E A LÍRICA CONTEMPORÂNEA DA POETIZA ALICE RUIZ

## HAIKU AND THE CONTEMPORARY LYRIC OF POET ALICE RUIZ

---

Thiago Benitez de Melo<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo analisa os haicais e poemas da poetiza paranaense Alice Ruiz sob a ótica dos Estudos Literários Contemporâneos. Para isso, torna-se necessária a apresentação e discussão da transformação dos papéis da mulher na sociedade ao longo da história para, logo em seguida, apresentar as principais representantes da literatura feminina brasileira que influenciaram muitas poetizas e escritoras pós-modernas. Por fim, buscar-se-á investigar a composição lírica de haicais e poemas feitos na segunda metade do século XX pela escritora Alice Ruiz. A fundamentação teórica está pautada nas análises dos teóricos Angela Soares, Massaud Moisés e Nadia Gotlib, para os quais a literatura, obras e autores devem ser

### ABSTRACT

*The objective of this work is to analyze haiku and poems of the paranaense poet Alice Ruiz from the perspective of Contemporary Literary Studies. In this regard, it is necessary to present and discuss the transformation of women's roles in society throughout history, and then to present the main representatives of Brazilian female literature that influenced many postmodern female poets and writers. Finally, we will investigate the lyrical composition of haiku and poems made in the second half of the twentieth century by the writer Alice Ruiz. The theoretical foundation is based on the analyzes of theorists Angela Soares, Massaud Moisés and Nadia Gotlib, for whom literature, works and authors must be studied in their contexts, much more than*

---

<sup>1</sup> Doutorando em “Sociedade, Cultura e Fronteiras” pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), campus de Foz do Iguaçu - PR. Mestre em “Linguagem e Sociedade” pela mesma Universidade. Especialista em Métodos e Técnicas de Ensino pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) e graduado em Letras Português/Espanhol. E-mail: thiago\_benitez@hotmail.com

estudados em seus contextos, muito mais do que o estudo específico dos aspectos formais do texto literário.

**Palavras-chave:** Alice Ruiz. Lírica contemporânea. Representação feminina.

*the specific study of the formal aspects of the literary text.*

**Keywords:** *Alice Ruiz. Contemporary lyric. Female representation.*

## Introdução

Os haicais são, talvez, os gêneros literários mais compatíveis com a contemporaneidade, isso porque permitem com que o literato use uma linguagem elíptica, concisa, simples e rápida. Assim são as produções líricas da poetiza Alice Ruiz, utilizando uma simplicidade na escrita e forma simples de expressar sentimentos humanos. Acaba sendo uma escritora que transmite muito mais do que informações sentimentais, convida o leitor a viajar em seu sentido e denotação, desde o seu título até sua influência, criando-se, assim, um estilo único de fazer poesia. A lírica de Alice Ruiz faz com que se reflita e exercite o poder que sua concisão pode transmitir, embora seu significado seja muito mais que isso. Por isso, uma escritora tão original, que consegue transmitir as emoções e angústias humanas da pós-modernidade em pequenos e simples poemas, sobretudo haicais.

Nesse sentido, sabe-se que a contemporaneidade, o período histórico posterior a 1960, também conhecido como mundo pós-industrial ou pós-colonial, exige dos escritores um olhar mais do que nunca voltado para o social, o crítico. Para Massaud Moisés (1989), é necessária uma literatura capaz de “inquietar o leitor, despertá-lo, arrancá-lo de seu torpor, apontar-lhe caminhos de esclarecimento interior e de intervenção no processo social” (MOISÉS, 1989, p. 507). Nessa perspectiva, mais do que nunca é preciso que as representações e alteridades sejam visualizadas e tenham voz na sociedade, sobretudo aquelas vozes que foram, por muitos séculos, caladas ou escondidas. Entre essas representações marca-se cada vez mais a figura feminina, escritoras que buscam, incansavelmente, ter suas vozes escutadas e suas identidades apresentadas.

Dessa maneira, a mulher acaba por tomar seu espaço, singularidade e particularidade na literatura moderna, sobretudo na poesia. A lírica feminina chama a atenção para a realidade cruel e desmanchada na qual a própria mulher está inserida. Ao mesmo tempo em que o amor é tomado como inatingível, os sentimentos são constantes e culminantes, sendo eles

bons ou ruins. As metáforas e antíteses se tornam constantes na literatura feminina moderna e servem de recursos bastante úteis para os poemas falarem por si só, sobretudo na lírica de Alice Ruiz. Pretende-se assim, com esta pesquisa, analisar os haicais dessa poetiza levando em consideração sua particularidade e seu estilo audacioso de escrita, que percorre caminhos que vão do corpo humano ao mistério da vida e da morte. Especificamente, buscamos analisar o papel da mulher na literatura brasileira por meio de um breve percurso histórico, apontar as diversas vertentes da literatura feminina na literatura moderna e pós-moderna, para, assim, traçar um contexto histórico das escritoras mais importantes para a literatura brasileira do século XX e XXI.

## A Transformação do Papel da Mulher na Sociedade

A mulher foi, durante muito tempo, vista como um objeto a ser “lapidado” e moldado para obedecer às regras e convenções sociais impostas pela família, religião, mídia entre outros. Vontade própria e demonstração real de sentimentos eram aspectos a serem ocultados.

As sociedades antigas e modernas exaltam, mesmo que involuntariamente, a superioridade masculina, fato que era e continua sendo refletido na educação das moças. Toda a sociedade, de alguma forma, e em especial a Igreja, exercia forte pressão sobre a sexualidade feminina, orientando as mulheres quanto aos modos de se vestir e se portar. O ambiente familiar, tanto antes quanto depois do casamento, era construído pelo que ditavam os textos bíblicos, que apontavam as várias faces da mulher: falhas em sua criação por ter sido criada da “costela recurva do homem”; a mulher vista como feiticeira produtora de feitiços e portadora natural do pecado original. Novamente, a submissão da mulher é presente, uma vez que depende do homem tanto para a concepção quanto para o nascimento do filho (GOTLIB, 2009).

Não raro, é fácil perceber que as discussões e pesquisas sobre a origem, ou as origens da opressão feminina nas artes, sobretudo na literatura, vem mostrando a necessidade de detectar os mecanismos históricos que fizeram da mulher um ser subordinado ao homem, em épocas e sociedades diversas e, por outro lado, nelas percebe-se também a busca por razões pelas quais somente nos séculos XIX e XX este estado de coisas começou a ser questionado e transformado de forma mais sistemática.

Na sociedade primitiva, por exemplo, descobre-se que a força de trabalho do homem poderia se transformar em objeto de troca e consumo. A função de reprodutora da espécie, que cabe à mulher ao dar à luz, favoreceu sua subordinação ao homem. De modo que a mulher foi sendo considerada mais frágil e incapaz para assumir a direção e chefia do grupo

familiar, exatamente, em virtude do seu período de recuperação pós-gravidez e amamentação. Assim, o homem, figura associada à ideia de autoridade, devido à força física e poder de mando, assumiu o papel autoritário dentro da sociedade, enquanto a mulher foi oprimida (GOTLIB, 2009).

Aos poucos, o poder masculino foi se tornando absoluto e visível não apenas na vida cotidiana, mas também no mito. Um exemplo disso é que inúmeros mitos que descrevem épocas em que a mulher era considerada um ser sagrado foram, gradualmente, substituídos por outros, em que os homens detinham o poder. A exemplo disso, há os mitos, que são fabricados por meio de cada cultura de acordo com suas necessidades de sobrevivência e definem as relações de poder entre os gêneros, entre os grupos, e as dos grupos com o meio ambiente. Os mitos de origem das diversas fases da humanidade, onde quer que tenham aparecido (seja na religião, na ciência ou na ficção) foram o princípio organizador da relação do homem com a realidade e, em última instância, da relação consigo mesmos (GOTLIB, 2009).

Esse contexto sócio-histórico-cultural sofreu pouca alteração ao longo dos séculos, mas com o advento do cinema, após a década de 50, o comportamento feminino começa a ser modificado: as moças passam a espelhar suas atitudes nas quais eram apresentadas pelas telas, o que é considerado então como uma afronta aos bons costumes. Outro fator contribuinte para a alteração social foi a propagação da literatura. Folhetins, jornais e revistas, apesar de tratarem dos mesmos assuntos relativos à educação praticada na época, trouxeram certo desconforto aos lares, pois tudo o que era lido pelas moças precisava ser, antes, policiado para que, da mesma forma que o cinema, não subvertesse o comportamento até então idealizado (GOTLIB, 2009).

Segundo Gotlib (2009, p. 98): “Um dos veículos dessa emancipação, que possibilitou a divulgação dos textos das mulheres, tanto literários quanto mais propriamente políticos, foi a imprensa”. As mudanças mais visíveis e que serviram como “trampolim” para a situação da mulher nos dias de hoje, se deram a partir da década de 60, com os movimentos feministas, cujas trajetórias já eram bem definidas na Europa e Estados Unidos.

## Literatura Feminina Brasileira: A Poesia de Cecília Meireles e a Prosa de Clarice Lispector

Pode-se dizer que, no Brasil, a literatura feminina ganhou imensa força no século XX, com as criações literárias de Cecília Meireles, na poesia, e Clarice Lispector, na prosa.

Cecília Meireles marcou história por sua qualidade poética, que mostra imenso cuidado formal rigoroso, apesar de encaixa-se na Literatura Moderna, vista muitas vezes como defensora da informalidade linguística e da representação dos diversos falares brasileiros. Os versos de Cecília Meireles acabam por ter musicalidade, por serem bem medidos. As simetrias são de alta qualidade, nada falta e nada sobra. Nuvens, navios, pássaros, azul, e, sobretudo, o mar são objetos centrais nas criações da poetiza. Segundo Gotlib (2009, p. 105), a poesia de Cecília Meireles não tem “ambições de se fixar, e, assim, cristalizar-se, o etéreo flui de modo suave, encadeia-se em sequência de espelhamentos, em busca de uma imagem que está sempre mais além – ‘face perdida’ - que se lhe escapa”.

Cecília Meireles pertencia à Geração de 45, geração esta que continuava tão modernista quanto aqueles que confrontavam e revelavam uma inevitável ambivalência, de recusa e aceitação das lições anteriores, pois aceitavam, ao mesmo tempo, o clássico e o moderno, o tradicional e o novo, o conservador e o revolucionário. Dessa maneira, eles manifestavam, paradoxalmente, o espírito de transformação que está no centro da literatura moderna. A novidade é que agora confiavam no poeta como um missionário para um mundo despedaçado pela Grande Guerra e, para isso, seria preciso que a própria poesia fosse liberta da intolerância, reencontrasse o equilíbrio, fizesse as pazes com sua tradição, recuperando, inclusive, a veia classicista, parnasiana e simbolista que o Primeiro Modernismo procurou extirpar (MOISÉS, 1989).

Passados alguns anos, porém, o cunho clássico e tradicional começa a se desestruturar mais uma vez, voltando a buscar princípios revolucionários na primeira fase modernista da década de 20. Percebe-se tal revolução, sobretudo na prosa ficcional, nas obras de João Guimarães Rosa e de Clarice Lispector. Nesta última, vê-se a capacidade de resistência da linguagem, que é levada às últimas consequências. Em seus contos, feitos sobretudo nas décadas de 50 e 60, a realidade é totalmente desmanchada, o indivíduo se vê solitário, em sua vida monótona e rotineira. Porém, uma quebra de harmonia sempre é o motim para a autorreflexão e o autoconhecimento humano. Gotlib (2009) caracteriza a prosa de Clarice como uma literatura de desconstrução, seguindo uma linguagem fortemente metalinguística, por meio de técnicas narrativas inovadoras e revolucionárias, como o monólogo interior (discurso não pronunciado em que o narrador expõe questões de cunho introspectivo, revelando motivações interiores) e o fluxo de consciência (transcrição do complexo processo de pensamento de um personagem, com o raciocínio lógico entremeado com impressões pessoais momentâneas e exibindo os processos de associação de ideias).

A novidade dessa literatura lispectoriana reside no fato de submeter o discurso a essa prova de resistência, aumentando o movimento de tensão até um ponto determinado que é

o do encontro de si consigo mesmo, que é, ao mesmo tempo, um outro: um outro social, e que se transfigura em nada (GOTLIB, 2009).

Depois que Cecília Meireles fez com que vários tabus se rompessem a respeito da concepção da mulher escritora-poetiza no Brasil, a literatura feminina, no país, ganhou grande força para se estabelecer como uma criação apta a estudos, críticas, assim por diante. É importante ressaltar que as criações literárias de Clarice Lispector e Cecília Meireles não foram as únicas criações importantes no quadro da literatura feminina no Brasil. Não se pode esquecer de citar os nomes de outras grandes escritoras representativas da literatura brasileira no século XX: Rachel de Queiroz, Lygia Fagundes Telles, Ana Cristina Cesar, Lygia Bojunga, Adélia Prado, Hilda Hilst, Ana Miranda, Cora Coralina, Marta Medeiros, Lya Luft, Tereza Margarida da Silva e Orta e Nísia Floresta Brasileira Augusta. Porém, este artigo se delimitará à análise de lírica brasileira, tomando os poemas e haicais da poetiza Alice Ruiz como foco de pesquisa e estudo.

## A Lírica Contemporânea de Alice Ruiz

Assim como o papel social da mulher foi se modificando surpreendentemente no final do século XIX, e a literatura feminina tomou bastante espaço (tornando-se mais visível no século XX), a poesia feminina brasileira também se modificou bastante e apareceu cada vez mais, a partir da década de 50, no quadro das criações literárias. Entre as principais representantes dessa literatura está a poetiza Alice Ruiz.

Alice nasceu em Curitiba, no Paraná, em 22 de janeiro de 1946. Começou sua carreira escrevendo contos, com nove anos de idade, aos dezesseis, começou a escrever versos. Foi “poeta de gaveta” até os vinte e dois anos, quando publicou alguns poemas em jornais e revistas culturais. Seu primeiro livro foi lançado quando tinha trinta e quatro anos: *Navalha-naliga*, em dezembro de 1980. Mas antes de escrevê-lo ela já havia escrito textos feministas no início dos anos 1970 e editado algumas revistas, além de textos publicitários e roteiros de histórias em quadrinhos. Alguns de seus primeiros poemas foram publicados somente em 1984, quando lançou *Pelos pelos*.

Compõe letras desde os 26 anos. A primeira parceria foi uma brincadeira com Paulo Leminski, com quem se casou aos vinte e dois anos; foi quando mostrou a alguém, pela primeira vez, o que escrevia. Surpreso, Leminski comentou que ela escrevia haicais, termo que até então Alice não conhecia. Mas encantou-se com a forma poética japonesa, passando então estudar com profundidade o haicai e seus poetas, tendo traduzido quatro livros de autores e autoras japonesas, nos anos de 1980<sup>2</sup>.

<sup>2</sup> Disponível na página: < <http://www.aliceruiz.mpbnet.com.br/release.htm>>. Acesso em: 01/05/19.

O haicai é uma forma poética de origem japonesa, que valoriza a concisão e a objetividade na linguagem, porém, sem deixar que a subjetividade do indivíduo seja anulada (SOARES, 2007). Os poemas têm três linhas, contendo na primeira e na última cinco letras japonesas, e sete letras na segunda linha. Em japonês, os haicais são tradicionalmente impressos em uma única linha vertical, enquanto em língua portuguesa, geralmente, aparecem em três linhas, em paralelo. O haicai foi trazido ao Brasil por imigrantes, por isso, o haicai brasileiro, segue uma corrente tradicionalista. Esta corrente define haicai como um poema escrito em linguagem simples, sem rima, estruturado em três versos que somem dezessete sílabas poéticas; aonde cinco sílabas no primeiro verso, sete no segundo e cinco no terceiro (SOARES, 2007).

Os haicais de Alice tratam de temas feministas, sentimentalismos, o corpo humano, o erótico, usa a realidade desmanchada de Clarice Lispector e a isotopia recorrente nos poemas de Cecília Meireles: o ambiente, a paisagem, o objeto, o concreto.

A realidade cruel, bastante recorrente nas obras de Clarice Lispector, é visível neste haicai de Alice chamado “*Dia D*”:

conter impulsos  
cortar os pulsos  
esconder sustos.  
(RUIZ, 1984, p. 17)

Verbos e substantivos fortes, cruéis, que chamam a atenção do leitor, são bastante explorados nesse haicai. O eu-lírico manifesta sua crueldade, remetendo-se à contenção, morte e medo. Um medo de sentir-se excluído, mal-compreendido por seus atos, sejam eles quais forem, inclusive o ato do suicídio.

O corpo humano também é bastante explorado pela poetiza, como neste poema:

gosto à beça  
esse coração  
na tua cabeça.  
(RUIZ, 1984, p. 25)

Alice utiliza muitas partes do corpo humano em seus poemas, fazendo com que elas se interajam. Liga uma parte do corpo a outra, faz com que vários membros tenham a mesma função, se utiliza da metáfora para mesclar e trocar as funções de cada membro.

A obra de Alice Ruiz não aborda somente temas recorrentes de uma realidade mascarada, pelo contrário, seus temas mesclam a crueldade, o pessimismo, a realidade, com o amor:

se eu fizer poesia  
com tua miséria  
ainda te falta pão  
pra mim não.  
(RUIZ, 1984, p. 54)

Além disso, o amor irrealizado (desconstruído) também é tema recorrente na obra de Alice, mas não por parte do eu-lírico, mas do interlocutor:

minha voz  
não chega aos teus ouvidos  
  
meu silêncio  
não toca teus sentidos  
  
sinto muito  
mas isso é tudo que sinto.  
(RUIZ, 1984, p. 25)

Percebe-se que no final de cada frase, nas duas primeiras estrofes, a poetiza utiliza substantivos, deixando assim o poema como um objeto concreto, sinestésico, apesar de todas as palavras do poema, com exceção de “ouvidos”, não serem “palpáveis”.

Os objetos, o vivo e o exuberante também são bastante recorrentes nos poemas de Alice Ruiz, que faz o eu-lírico utilizar-se de metáforas constantemente:

teu corpo seja brasa  
e o meu a casa  
que se consome no fogo  
  
um incêndio basta  
pra consumir esse jogo  
uma fogueira chega  
pra eu brincar de novo  
(p. 26).

O sentimentalismo, o amor, a metáfora da união, da unção, fazem com que o poema fale por si só. Assim, ele pode ser compreendido, na perspectiva da teórica Käte Hamburger (1975), como um poema sem maiores dificuldades de interpretação. É nítido o pólo-objeto das enunciações: as palavras corpo, brasa e fogo, na primeira estrofe, fazem recordar ao



erotismo, ao amor, à paixão. Isso ainda continua a se manifestar na segunda estrofe do poema com as palavras incêndio, consumir e fogueira. O substantivo jogo e o verbo brincar, presentes na segunda estrofe, deixa o tema recorrente, o amor, como um amor passageiro, momentâneo, não como platônico, eterno e “ideal”. Isso também ocorre neste poema:

a gente é só amigo  
e de repente  
eu bem podia  
ser essa mosca  
perto do teu umbigo.  
(RUIZ, 1984, p. 43)

Percebe-se que os substantivos novamente se apoderam do verso, deixando o poema sinestésico e concreto, o corpo humano outra vez se torna referência do erotismo e o amor, aqui ainda mais fortemente, é tomado como algo momentâneo, transitório e pequeno.

Além dos temas recorrentes nos poemas de Alice Ruiz serem, na maioria das vezes, o amor tomado como instantâneo e a paixão sempre viva, muitas poesias da poetiza abordam o tema do amor como algo inatingível, ou muito distante de se conseguir:

se eu não fosse poeta  
você entraria em mim  
para ficar solto  
em algum lugar  
da lembrança  
em vez disso  
nada digo  
e você fica preso  
dentro do meu verso.  
(RUIZ, 1984, p. 38)

É possível perceber que o objeto central da enunciação, nesse poema, é o amor quase impossível, se não fosse pelo fato que se explica por si só na primeira frase do poema: “se eu não fosse poeta”. Nota-se, assim, que a poetiza toma o amor como algo fútil, pois mesmo que ela não escrevesse poesias e recebesse alguém dentro dela, esse alguém ficaria solto nas lembranças. As metáforas desse poema dão o sentido necessário para o leitor pensar que um ser humano pode viver possuindo alguém através da poesia, pode-se ter uma pessoa para si trancada em seus versos, por isso não se torna tão necessário possuí-la fisicamente, pois a poesia compensa.

A poesia sempre esteve presente na vida de Alice Ruiz, por isso ela utiliza seus poemas como uma forma de crítica, não só à sociedade, mas a si mesma. Há muitos poemas em que o eu-lírico pergunta-se porque está agindo de tal maneira e se há possibilidade de mudar de atitude. Alice não faz críticas apenas aos homens, mas também às mulheres; não aborda somente o tema do amor e a felicidade, se não, utiliza a todo o momento a crueldade, a infelicidade e o ódio como sentimentos presentes e inevitáveis; o ambiente, o visível, o concreto, o objetivo e o denotativo são muito visíveis em sua obra, mas a poetiza também faz uso do imaginário, do subjetivo, no conotativo e do metafórico para construir um eu-lírico bastante audacioso e diferente. Diferente nas ideias, nos pensamentos, nas reflexões, e, sobretudo, nas atitudes.

## Considerações finais

A literatura contribuiu muito com a transformação do papel da mulher na sociedade. Assim, não só a mulher se transformou, mas ela também fez com que uma “nova literatura” surgisse, ou seja, quando o ser humano muda, ele também modifica suas criações. Soares (2007), já nos alertou que uma diferenciação, transformação e evolução de um gênero literário só podem acontecer quando o situamos no tempo e no espaço, sendo também determinado por fatores culturais, discursivos, condições geográficas, sociais e individuais.

Dessa forma, analisando os poemas e haicais de Alice Ruiz, percebe-se se que os temas recorrentes na literatura feminina, sobretudo dessa poetiza, são bem heterogêneos, tanto em comparação à literatura masculina quanto às diferenças que há nas obras de uma escritora para outra. Aos olhos do poeta tudo vira poesia, e isso é bastante percebido nas criações de Alice Ruiz. O concreto e o abstrato se fundem em sua poesia, e a realidade imperceptível acaba por aparecer mascarada.

É claro que devem ser ressaltadas as influências que há na literatura feminina, sobretudo nas criações de Alice Ruiz. Temas recorrentes nas obras de Clarice Lispector e Cecília Meireles são visíveis também nas obras de Alice. Assim, a literatura não é uma construção individual do artista, mas uma construção sócio-histórica, que permeia séculos e retrata as sociedades em seus mais diversos aspectos.

As representações identitárias construídas pela poetiza e seu “eus-líricos” permeiam temas que muito já foram indagações humanas, como o mistério do eu, a metafísica, o amor, a busca pela sinestesia perfeita, o erotismo e o sexo, e a própria metalinguagem. São esses os caminhos que os estudos literários nos permitem percorrer. São as infinitas possibilidades que a palavra, o discurso poético e a linguagem (nosso objeto de análise) nos proporcionam;

e os haicais, dessa maneira, estão nesse constante fluxo pós-moderno, surgindo como uma nova possibilidade análise para também entendermos as indagações, frustrações e culturas do outro, aquele que permite eu me reconhecer como eu-mesmo.

## Referência

GOTLIB, Nadia. *A mulher na Literatura*. São Paulo: Ática, 2009.

HAMBURGUER, Käte. *A lógica da criação literária*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

MOISÉS, Massaud. *História da Literatura Brasileira*. **São Paulo: Cultrix, 1989.**

RUIZ, Alice. *Desorientais: hai-kais*. 4ª ed. São Paulo: Iluminuras, 2006.

RUIZ, Alice. *Pelos pelos: poemas*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

SOARES, Angélica. *Gêneros Literários*. São Paulo: Ática, 2007.

Recebido em: 22/9/2019.

Aprovado em: 10/10/2019.